

## O PROBLEMA DA PAZ NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM DIÁLOGO ENTRE SANTO AGOSTINHO E KANT

*Ivanaldo Santos\**

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

*ivanaldosantos@yahoo.com.br*

**RESUMEN:** El objetivo del presente estudio es reflexionar sobre el problema de la paz en la sociedad contemporánea, teniendo como punto central los postulados desarrollados por san Agustín y Kant. El autor afirma que la crisis de la paz en la sociedad contemporánea debe ser percibida no de forma nihilista, sino como una oportunidad de ampliar el proceso de la paz perpetua. Es un proceso cuyos orígenes históricos se remontan al mundo antiguo. Dentro de ese marco de ampliación de la paz perpetua es necesario repensar la propuesta de Kant. Al respecto, una forma de repensar la propuesta kantiana es por medio del proyecto socio-ético-religioso de paz desarrollado por san Agustín. La unión de la propuesta de paz en San Agustín y en Kant puede contribuir decisivamente a la renovación de la paz perpetua en la sociedad contemporánea.

**PALABRAS CLAVE:** Paz, san Agustín, Kant, sociedad contemporánea, ética.

---

\***Ivanaldo Santos** é Filósofo, doutor em estudos da linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), realizou estágio pós-doutoral em estudos da linguagem na Universidade de São Paulo (USP) e estágio pós-doutoral em linguística na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), todas essas instituições de ensino superior são localizadas no Brasil. Atualmente é professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

# THE PROBLEM OF PEACE IN CONTEMPORARY SOCIETY: A DIALOGUE BETWEEN SAINT AUGUSTINE AND KANT

**ABSTRACT:** The objective of this study is to reflect on the issue of peace in the contemporary society having as a central point Saint Augustine and Kant's postulates. The author states that the crisis of peace in contemporary society should be perceived not as a nihilistic way, but as an opportunity to expand the process of perpetual peace. It is a process whose historical origins go back to the ancient world. Within the framework of perpetual peace expansion it is necessary to rethink Kant's proposal. In this regard, a way of rethinking Kantian proposal is through the socio-ethical-religious peace project developed by St. Augustine. The joint of both proposals can contribute decisively to the renewal of the perpetual peace in the contemporary society.

**KEYWORDS:** Peace, Saint Augustine, Kant, contemporary society, ethics.

## 1. Introdução

Inicialmente é esclarecido que este estudo é a versão *scientific article* da palestra proferida durante o II Congresso Latinoamericano por la Paz, 1er Simposio sobre Gentileza, Integridad y Buen Servicio al Ciudadano e a 2da Conferencia E-Justicia Latinoamericana

para Impulsar la Justicia y la Paz en América Latina. Eventos que foram realizados em Lima, Peru, nas dependências da Universidad Católica Sedes Sapientiae (UCSS), no período de 6 a 8 de setembro de 2017. Pelo brilhantismo dos eventos e pela profundidade dos temas tratados, emite-se um agradecimento especial ao Monsenhor Lino Panizza, Bispo de Carabayllo, Peru, Chanceler da Universidad Católica Sede Sapientiae, ao Dr. Pe. César Antonio Buendía Romero, Reitor da UCSS, Dr. Carlos Enrique Becerra Palomino, Decano da Faculdade de Direito da UCSS, ao professor Giancarlo Mascellaro Luperdi, Presidente da Comissão Organizadora-Peru, Dr. Edgardo Torres (UCSS), ao Dr. Lafayette Pozzoli (UNIVEM), ao Dr. Rogério Cangussu (UNIVEM) e ao Dr. Ilton Garcia (UENP).

Duas notas especiais merecem destaque. A primeira é o fato do ano de 2017 ter sido proclamado, pelo Governo da República do Peru, como o Ano do Bom Serviço Público Prestado ao Cidadão. Sem embaraço, uma ótima promoção do governo peruano. A segunda é o fato de em 2018 o Peru receberá a visita do Papa Francisco um arauto da paz, o qual tem dado continuidade ao pontificado do Papa João Paulo II.

Salienta-se o fato do Papa João Paulo II ter sido um arauto da paz num tempo marcado pelo caos moral. Um tempo, representado, por exemplo, pela crise da família, pela crise do emprego, pela crise do sujeito, pela Guerra Fria (1945-1991), pela falência do socialismo no Leste Europeu, pela Guerra das Malvinas, em 1982, entre Argentina e o Reino Unido e pela queda do Muro de Berlin (Higuera, 1994).

Em 1994, por ocasião das comemorações dos 50 anos do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Peter Henrici

---

perguntava: os filósofos devem investigar qual a essência e interrogar, portanto, sobre o caráter necessário da paz? (Henrici, 1994, p. 469).

É necessário ter a consciência que, se no período de 1994 a 1995, comemorava-se o fim da Segunda Guerra Mundial, atualmente, ou seja, segunda década do século XXI, o mundo vive uma crescente perda da noção de paz, justiça e gentileza. Uma preocupação que se materializa no seio das famílias, das nações e dos Estados. De forma geral, vive-se um período muito próximo ao período histórico que antecedeu a era das grandes guerras que começa em 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, e só termina em 1945 com o fim da Segunda Guerra Mundial. Vivemos tempos de diversas crises. A crise da família, a crise existencial —recorrente é o discurso do Papa Francisco sobre as periferias existenciais (Santos, 2016)—, vive-se o crescimento do terrorismo, de uma tentativa de criação de um Estado —neste caso trata-se do grupo radical islâmico *Estado Islâmico*— não alicerçado na razão produto do iluminismo, mas no fanatismo religioso, experimenta-se o crescimento do crime organizado e de outros problemas sociais, experimenta-se a emergência de ideologias políticas neototalitárias, das crises dos espaços promotores da paz, como, por exemplo, a crise da ONU, da OEA e outras; vive-se a crise internacional dos refugiados. Na América Latina existe o problema da crise econômica, da crise do emprego, das crises políticas e institucionais. Uma nota especial deve ser feita a grave situação política e humanitária vivida pela Venezuela, a qual, como é amplamente divulgado nos meios especializados de comunicação e cultura, está à beira de um genocídio (Santos, 2017).

---

O presente estudo não é uma tentativa radical de responder à pergunta de Peter Henrici. Tenciona-se algo mais simples, ou seja, o objetivo do presente estudo é refletir sobre o problema da paz na sociedade contemporânea e tendo como ponto central dessa reflexão os postulados desenvolvidos por Santo Agostinho e Kant. A título de conclusão do estudo, afirma-se que a crise da paz na sociedade contemporânea deve ser percebida não de forma niilista, mas como uma oportunidade de ampliar o processo da paz perpétua. Um processo, cujas origens históricas remontam ao mundo antigo. Dentro desse quadro de ampliação da paz perpétua é necessário repensar a proposta de Kant. E uma forma de se repensar a proposta kantiana é por meio do projeto sócio-ético-religioso de paz desenvolvido por Santo Agostinho. A junção da proposta de paz em Santo Agostinho e em Kant poderá contribuir decisivamente para a renovação da paz perpétua na sociedade contemporânea.

## **2. O Problema da Paz na Sociedade Contemporânea: entre Santo Agostinho e Kant**

Enquanto um problema filosófico a paz é debatida desde a antiguidade. Desde a Grécia antiga que pensadores se debruçam para refletir e dar algum tipo de solução ao problema da paz. Seria algo demasiado longo e, às vezes, desnecessário apresentar a discussão que envolve a paz ao longo da história das ideias.

Por isso, optou-se em apresentar um pequeno, mas vigoroso grupo de pesquisadores e suas respectivas discussões sobre a paz. Esse grupo é formado por pensadores medievais: Santo Agostinho e Tomás de Aquino e por pensadores modernos:

---

Hegel, Nietzsche e Kant. Ao final da discussão realiza-se uma aproximação entre Santo Agostinho e Kant.

Pode-se dizer que Santo Agostinho, além de ser um dos grandes místicos da cristandade, é um pensador de *transição*<sup>1</sup>. Por *transição* deve-se entender o fato dele ser, ao mesmo tempo, um firme elo de ligação entre o mundo antigo e medieval, entre o decadente Império Romano e a Igreja, entre a antiguidade cristã e a Idade Média, entre o mundo antigo e moderno. É dentro desse complexo sistema de *transição* que se deve pensar a discussão agostiniana sobre a paz.

Santo Agostinho pensa o problema da paz por meio de cinco níveis. O primeiro é a paz como um bem escatológico, ou seja, o fim último do homem. A paz como consequência da realização última do ser humano após o juízo final. O segundo é a paz está inserida na Lei Natural. O ser humano só pode alcançar a paz se seguir as determinações da Lei Natural. O terceiro é a paz como espaço que proporciona a prosperidade material. Em Agostinho, a paz não é apenas um bem metafísico, fruto da contemplação mística, mas também fruto da prosperidade material, do desenvolvimento econômico, da estabilidade social. Santo Agostinho é um dos primeiros a tratar a paz como *paz social*. O quarto é a paz como um bem perseguido pelos que detêm o poder (líderes políticos, autoridades militares, religiosas, etc).

---

<sup>1</sup> Sobre o fato de Santo Agostinho ser um pensador de transição, afirma-se: "Santo Agostinho viveu num período de transição denominado romanidade tardia, tendo testemunhado o ocaso de uma civilização e a alvorada de um novo mundo. Herdeiro da tradição clássica e leitor das Escrituras, ligado a um mundo que desaparecia e aberto à novidade radical do Evangelho, conseguiu ver, para além das contradições daquele período [histórico], venceu os medos e inseguranças intensamente presentes num período de aceleradas transformações e, porque forneceu razões para o existir humano, plantou sementes de esperança nos corações e mentes dos homens de todas as épocas" (Hinrichsen, 2012, p. 36).

Para Agostinho a autoridade tem por missão precípua a busca da paz. O quinto é a paz como a tranquilidade que resulta na ordem (*tranquillitas ordinis*), ou seja, a paz será a consequência de todo o movimento anterior. A paz não é um ponto de partida, mas sim a chegada, o fim de um longo processo de crescimento espiritual, de aperfeiçoamento místico e contemplativo, de inserção na Lei Natural, de prosperidade material e de acordos políticos-diplomáticos (Santo Agostinho, 1990).

O próximo pensador medieval é Tomás de Aquino, o autor da celebre *Suma Teológica* (Aquino, 2001). Ele concorda com Santo Agostinho de que a paz é a tranquilidade que resulta na ordem (*tranquillitas ordinis*). No entanto, ele acrescenta quatro argumentos no debate sobre a paz. O primeiro é que o ser humano deseja alcançar a paz. Para ele a paz não é um simples acordo diplomático ou fruto de uma imposição militar. Acima de tudo, a paz é uma aspiração, um desejo, uma busca que encontra-se dentro da essência do ser humano. É algo que compõem o nível ôntico-ético-metafísico do ser humano. O segundo é que a paz é o equilíbrio interno de uma pessoa, o equilíbrio psicoemocional. Não é possível pensar em paz num ambiente em que o indivíduo seja vulnerável, que tenha algum tipo de dor ou sofrimento psíquico. O terceiro é a paz como o equilíbrio interno entre pessoas, nações, Estados, etc. Para Tomás de Aquino, cada grupo social (seja um grupo de pessoas, um grupo social, uma nação, um Estado, etc) deverá construir um processo de paz interna. Sem esse processo será impossível se pensar na paz como uma grande manifestação social ou religiosa. O quarto é a paz como consequência de uma educação para a virtude, para a vida ética. Sem uma educação para a vida ética jamais

---

qualquer indivíduo, seja leigo, seja religioso, seja político ou de outra natureza, jamais irá ser um agente da paz. Para ele é pura ilusão pensar que a paz será alcançada sem uma educação para a vida ética. Essa educação é fundamental para se conseguir a paz como tranquilidade que resulta na ordem (*tranquillitas ordinis*). Vale salientar que a tese da educação para a vida ética é retomada no século XX por Theodor W. Adorno dentro do quadro da discussão da educação após Auschwitz (Adorno, 1995).

Após apresentar, de forma muito sintética, a discussão de dois importantes pensadores medievais e cristãos, ou seja, Santo Agostinho e Tomás de Aquino, entra-se na discussão no campo da modernidade.

O primeiro pensador moderno a ser apresentado é Hegel. Para ele a guerra é vista como uma virtude. A história é para Hegel o principal objeto de reflexão. A missão de Hegel é compreender o que aconteceu dentro da história. Para isso, ele recorre ao conceito de *necessidade eterna*, ou seja, um elemento que é capaz de, ao longo da história, mover o ser humano, ser um motor capaz de fazer os acontecimentos históricos se sucederem. Para Hegel no passado, na antiguidade a *necessidade eterna* era orientada pela família, pela figura do rei ou do profeta e pela Igreja. Na modernidade existe uma transformação radical desta figura. O Estado, enquanto organização racional e impessoal, passa a ser o guia da história. Para ele, em torno do Estado os interesses individuais e privados devem ser superados. É neste sentido que Hegel vê a guerra como uma virtude, pois, em sua reflexão filosófica, na sociedade moderna a guerra é a negação da negatividade representada pela sociedade, pelos interesses privados e corporativos. Neste sentido, o indivíduo deve sacrificar

---



seu bem-estar, e até mesmo sua própria vida, pela conservação e manutenção do Estado. Hegel concebe a guerra dentro de uma perspectiva metahistórica, um momento necessário na dialética da construção racional da realidade e, ao mesmo tempo, da efetivação da maior estrutura criada pelo homem, ou seja, o Estado (Hegel, 2003).

O segundo é Nietzsche. Poucos pensadores e mesmo generais e outras lideranças militares fizeram uma defesa tão apaixonada pela guerra e do guerreiro do que Nietzsche. Talvez por isso, ele seja constantemente colocado ao lado dos pensadores e ideólogos do fascismo (Henrici, 1994, p. 470).

Nietzsche compreende a guerra como uma possibilidade de manifestação do além-homem (*Superman*). Neste sentido, a guerra é a melhor forma de manifestação das formas vivas que vão refazer, recompor e até mesmo inaugurar uma nova realidade. De certo sentido, impedir a manifestação da guerra é impedir o próprio ciclo natural da vida, da substituição de indivíduos fracos e doentes por indivíduos jovens e fortes, pela superação do homem por algo que, em tese, será construído pelo próprio homem, mas será melhor que o homem. É por isso que Nietzsche vê a paz como a manifestação do homem-rebanho, do homem cortado, obediente, do homem incapaz de superar desafios, de superar a si mesmo em busca de uma humanidade melhor e superior (Nietzsche, 2012).

Vale salientar que a defesa da guerra e, por conseguinte, a crítica que Nietzsche faz a paz estiveram muito presentes na primeira metade do século XX. Essa defesa da guerra se manifestou nas grandes guerras (Primeira e Segunda Guerra Mundial) e nos regimes totalitários que foram implantados neste

---

período histórico, a saber: o nazi-fascismo e o socialismo. Dentro desse contexto, Nietzsche, muitas vezes, foi um pensador que, se sua obra não era investigada e pesquisada, era citado como fundamento da cultura da guerra.

O terceiro pensador é Immanuel Kant. Salienta-se o fato de que não é difícil notar que o tema da *paz perpétua* caminhou, paulatinamente, de uma concepção religiosa, segundo a qual a paz perpétua se define pela perfeita relação entre *a carne e o espírito* (como em Pico Della Mirandola); para uma concepção moral, segundo a qual a paz perpétua se define pelas virtudes morais do príncipe (como em Erasmo de Roterdã); alcançando uma concepção política, entendida como a melhor forma de relação recíproca entre os governantes dos Estados (como em Alberico Gentili), até culminar, finalmente, na imaginação de uma estrutura internacional permanente (confederativa ou federativa, segundo a volição de cada filósofo) baseada num acordo eterno entre os governantes (como em Condorcet). É esta última concepção que será desenvolvida pelos grandes teóricos iluministas da paz perpétua – dentre os quais o maior será Kant (Salatini, 2014, p. 36).

Kant que é um dos grandes nomes do iluminismo, mas, ao mesmo tempo, é um pensador que desenvolve uma reflexão profunda e – por que não afirmar? – abre um espaço real, até mesmo cotidiano, para o desenvolvimento do cosmopolitismo moderno. A cultura cosmopolita moderna que – como chama a atenção Hegel – é uma negação da cultura primitiva centrada na família, na agricultura e no líder religioso local. Ao mesmo tempo esse cosmopolitismo abre espaço e é o fundamento da síntese entre filosofia, arte, arquitetura, música e outras formas

---

de manifestação do saber presentes na sociedade moderna (Salatini, 2012).

Em Kant é possível vislumbrar dois momentos distintos em sua obra sobre o tema da paz. O primeiro momento é composto pela *Crítica da Faculdade do Juízo* e pela *Religião dentro dos limites da pura razão*. Trata-se de um momento onde Kant não tem uma consciência profunda da necessidade e da importância da paz tanto para o ser humano como também para a sociedade moderna, fruto do iluminismo.

Na *Crítica da Faculdade do Juízo*, Kant defende que tanto a guerra como a paz estão inseridas na dimensão do sublime e do estético. Nesse sentido, a guerra e a paz não estão necessariamente separadas, mas seriam, cada qual com suas regras e métodos, a possibilidade de manifestação de níveis superiores presentes no ser humano, como, por exemplo, o belo e a estética (Kant, 2016).

Já na *Religião dentro dos limites da pura razão*, Kant defende a tese que a guerra deve ser vista como condição natural e normal do ser humano e, por conseguinte, a paz como uma exceção. Em grande medida, o ser humano seria uma espécie beligerante, guerreira e que, por isso, a realização humana, ao contrário do que prega as grandes tradições religiosas e especialmente o cristianismo, é a guerra e não a paz (Kant, 2008a).

O segundo momento onde Kant debate sobre o tema da paz é o famoso ensaio: *Paz perpétua*. Neste texto, Kant passa por uma "reviravolta epistemológica" (Henrici, 1994, p. 474) e, com isso, revê a posição defendida na *Crítica da Faculdade do Juízo* e na *Religião dentro dos limites da pura razão*. Na *Paz perpétua* Kant passa a abordar o tema da paz por outro prisma, uma visão mais

---

otimista em torno da possibilidade de se alcançar a paz. Nesse texto, ele defende a ideia que a existe sim uma real possibilidade de uma longa e eficaz paz. Uma paz sustentada pela razão – um argumento retomado por Hegel –, por organismos internacionais, uma espécie de federação de nações, algo semelhante ao papel exercido pela Organização das Nações Unidas (ONU) na sociedade contemporânea, e por assembleias de cidadãos. A proposta de paz perpetua de Kant é um sofisticado sistema, baseado na racionalidade, que envolve a participação ativa do cidadão nas decisões políticas e públicas, debates em torno dos problemas nacionais por meio de assembleias e no congresso nacional, os conflitos regionais e internacionais serem debatidos em organismo internacionais. A proposta de paz perpétua de Kant foi fundamental para a criação da Sociedade das Nações, mais conhecida como Liga das Nações, em 1919, e que, por fatores diversos foi extinta em 1944, e da criação da ONU, em 1945, para substituir a Sociedade das Nações.

É preciso ver que Kant representa uma proposta de efetivação da paz com mais força e capacidade de execução do que o discurso desenvolvido por Hegel e por Nietzsche.

De um lado, a proposta de Kant permite que o ser humano experimente níveis mais elevados de arte, estética e desenvolvimento cultural – uma espécie de além-homem (*Superman*) proposto de Nietzsche – sem, no entanto, cair no culto, quase fanático, da guerra e da figura do guerreiro. Um culto que pode ser encontrado na obra de Nietzsche. É uma proposta que permite o aperfeiçoamento de potencialidades humanas sem, todavia, cair na recusa de aceitar o cotidiano, o cidadão comum e a vida simples.

---

Do outro lado, Kant ultrapassa a perspectiva de Hegel pelo fato de, além de aceitar o Estado como elemento central na regulação da vida moderna, abrir amplo espaço para a participação do cidadão e de espaços de debates e de decisões populares no campo da política e da diplomacia. Deve perceber que Hegel não aceita a proposta, formulada deste Santo Agostinho, ou seja, de ser possível uma paz perpétua. Para ele a guerra é o único meio de resolver os litígios entre os Estados. Isso acontece porque cada Estado é uma entidade individual e não existe um princípio universal, intra-histórico, que possa transcender as particularidades dos Estados e, com isso, resolver os litígios sem o uso da força militar. Por sua vez, Kant discorda profundamente de Hegel. Em Kant, o Estado não perde o seu caráter de mediador da vida social e histórica. No entanto, suas decisões não são abstratas, uma espécie de *mão invisível*. Pelo contrário, é possível se pensar em um acordo duradouro, um acordo que possibilite a criação de uma paz perpétua. Isso acontece porque o Estado passa a ser tutelado pelo cidadão, por assembleias democráticas e por organizações nacionais e internacionais. Com isso, o Estado deixa de ser um organismo abstrato, que, na leitura de Hegel, só pode ser compreendido por meio da história, e passa a ser inserido dentro do cotidiano, da vida das pessoas reais e nos conflitos ligados a vida pública e política.

A proposta da paz perpétua de Kant é um dos sólidos fundamentos da modernidade e, em grande medida, foi responsável pela criação de grandes organismos internacionais e diplomáticos – como é o caso da ONU – que lutam pela implantação e manutenção da paz ao redor do planeta Terra.

---

O problema é que a proposta de Kant apesar de ser um avanço, se comparada as propostas efetivadas por Hegel e por Nietzsche, no campo das ideias, das organizações diplomáticas e políticas, está passando por um profundo processo de esgotamento e de crise. A proposta de Kant que, no século XVIII, parecia ser algo real, duradouro, estável; chega ao século XXI em profunda crise, sem conseguir amenizar ou encaminhar os conflitos nacionais e regionais e, muito menos, os grandes conflitos e interesses internacionais.

Assim como Kant, no século XVIII, representou um avanço no campo da discussão em torno da problemática da paz e, com isso, estabeleceu uma proposta de paz perpétua que durou aproximadamente 150 anos, o século XXI precisa encontrar um caminho, uma proposta teórica que possa ser útil, que possa encaminhar e estabilizar os grandes conflitos da sociedade contemporânea.

De um lado, é necessário perceber que por *paz perpétua* deve-se entender uma proposta que não é eterna, atemporal, mas que possa, dentro dos limites históricos – da forma como é descrito por Hegel – e dos limites técnicos-científicos disponíveis, dar alguma solução, algum grau de encaminhamento para conflitos e problemas de uma dada sociedade e de um momento histórico específico.

Do outro lado, as possíveis soluções para o estabelecimento de uma proposta para uma paz perpétua que envolvam os problemas contemporâneos devem levar em consideração tanto o saber acumulado nos últimos dois mil anos como também a crise da razão hegeliana que alguns teóricos vão chamar de razão burguesa ou de razão instrumental. O fato concreto é que

---

razão, produto da filosofia de Hegel, está em crise na sociedade contemporânea.

Dentro deste quadro se propõe não uma solução fácil e rápida para a crise da paz na sociedade contemporânea, mas um frutífero diálogo entre dois grandes teóricos da paz, ou seja, Santo Agostinho e Kant.

Santo Agostinho apresenta uma proposta de paz que pode ser classificada de *pax temporalis* (Costa, 2006), ou seja, uma proposta de paz que leva em consideração os níveis de coerção da sociedade (o direito, o Estado, etc), os conflitos sociais e a dinâmica histórica. No entanto, ele não fica preso a esse complexo conjunto de fatores. Ele vai além. Ele propõe um processo de pacificação que leve em consideração os elementos e conflitos socioculturais, mas, ao mesmo tempo, tenha a presença da dimensão ética (Montagna, 2009), enquanto elemento de harmonização social, e a dimensão mística e ontológica.

Em grande medida, como observa Henrici (1994, p. 481), as discussões contemporâneas sobre a paz, alicerçadas na proposta da paz perpétua de Kant, estão carregadas positivamente com o devir histórico e com a análise dos conflitos socioculturais. No entanto, essas mesmas discussões são empobrecidas pela quase que total ausência da dimensão mística, ontológica, transcendental e poética. Para citar a reflexão de Max Weber, o homem moderno está carregado de desenvolvimento técnico-científico, mas encontra-se desencantado diante da divindade, da natureza, da arte e da estética.

Num contexto de repensar o problema da paz na sociedade contemporânea deve-se, num primeiro plano, admitir que a proposta da paz perpétua de Kant (assembleias democráticas,

---

participação do cidadão nas decisões públicas, espaços nacionais e internacionais de solução de conflitos políticos e econômicos) ainda tem muita validade, ainda existem muitos espaços que necessitam ser ampliados e melhor aproveitados para a participação ativa do cidadão na vida pública e, com isso, diluir os conflitos socioculturais. No entanto, num segundo plano, um plano mais ampliado, é necessário ter consciência que a tese da paz perpétua kantiana passa por um visível processo de desgaste e até mesmo de decadência na sociedade contemporânea. Este desgaste abre espaço para se pensar em novas formulações para o problema da paz. Em tese, seria uma proposta de paz perpétua pós-kantiana. Nesse sentido, é possível se pensar uma proposta de paz que, de forma hermenêutica, promova a unidade entre Santo Agostinho e Kant. Uma proposta que, ao mesmo tempo, garanta os espaços de decisões democráticos, os espaços de negociações políticas e diplomáticas (proposta de Kant) e garanta ao indivíduo o acesso a dimensão ética, religiosa-mística, ontológica, artística e estética (proposta de Santo Agostinho).

### **3. Conclusão**

Por fim, afirma-se que a crise da paz na sociedade contemporânea deve ser percebida não de forma niilista – no sentido, por exemplo de se afirmar que nada tem sentido, que se vive o fim da civilização ocidental –, mas como uma oportunidade de ampliar o processo da paz perpétua. Um processo, cujas origens históricas remontam ao mundo antigo. Dentro desse quadro de ampliação da paz perpétua é necessário repensar a proposta de Kant. E uma forma de se repensar a proposta

---



kantiana é por meio do projeto sócio-ético-religioso de paz desenvolvido por Santo Agostinho. A junção da proposta de paz em Santo Agostinho e em Kant poderá contribuir decisivamente para a renovação da paz perpétua na sociedade contemporânea.

## Referências

- Adorno, T. W. (1995). Educação após Auschwitz (pp. 119-129). Em Autor *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro, Brasil: Paz e Terra.
- Aquino, T. (2001). *Suma teológica*. São Paulo: Loyola.
- Costa, M. R. N. (setembro, 2006). A força coercitiva: um instrumento a serviço da *pax temporalis* na *civitas*, segundo Santo Agostinho. *Veritas*, 51(3), 5-14.
- Hegel, G. W. F. (2003). *Princípios da filosofia do direito*. São Paulo: Martins Fontes.
- Henrici, P. (noviembre-diciembre, 1994). Dos enfoques filosóficos del problema de la guerra y de la paz. *Communio. Revista Católica Internacional*, 16, 469-483.
- Higuera, G. (noviembre-diciembre, 1994). Juan Pablo II: guerra y paz. *Communio, Revista Católica Internacional*, 16, 521-523.
- Hinrichsen, L. E. (2012). Agostinho e a cidade: de Deus ou dos homens? Sobre a inquieta dinâmica da paz. *Civitas Augustiniana*, 1(1), pp. 33-58.
- Kant, I. (2008b). *A paz perpétua e outros escritos*. Rio de Janeiro, Brasil: Nacional.
- Kant, I. (2008a). *A religião nos limites da simples razão*. Lisboa, Portugal: LusoSofia.
- Kant, I. (2016). *Crítica da faculdade do juízo*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Montagna, L. A. (2009). A ética como elemento de harmonia social em Santo Agostinho. Sarandi, Brasil: Humanitas Vivens.
- Nietzsche, F. (2012). *Assim falava Zaratustra*. São Paulo, Brasil: Saraiva.

- Salatini, R. (2012). Kant e o cosmopolitismo. In S. L. C. Aguillar & H. M. Albres (Orgs.). *Relações internacionais: pesquisa, práticas e perspectivas* (229-243). São Paulo, Brasil: Oficina Universitária/Cultura Acadêmica.
- Salatini, R. (2014). O tema da paz perpétua. Em Salatini, R. (Org.). *Reflexões sobre a paz* (pp. 33-50). Marília, Brasil: Oficina Universitária.
- Santo Agostinho. (1990). *Cidade de Deus*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Santos, I. (2016). Papa Francisco, a misericórdia e as periferias existenciais. En I. Santos & L. Pozzoli (Orgs.). *Fraternidade e Misericórdia: um olhar a partir da justiça e do amor* (pp. 59-71). São Paulo, Brasil: Cultor de Livros.
- Santos, I. (29 de julho de 2017). Venezuela caminha para um genocídio. *Agora RN, Caderno Opinião*, Natal, p. 2.